



Adolescência e saúde sexual: dúvidas e medos de adolescentes em uma instituição de ensino no interior da Amazônia

Adolescence and sexual health: doubts and fears of adolescents in an educational institution in the interior of the Amazon

Adolescencia y salud sexual: dudas y miedos de adolescentes en una institución educativa del interior de la Amazonía

Adjanny Estela Santos de Souza¹, Marlyara Vanessa Sampaio Marinho¹, Caylanne Seixas Viana¹, Lucas Silva Lopes¹, Luma Sousa Dias¹, Vanessa dos Santos Borges¹.

RESUMO

Objetivo: Levantar dúvidas e medos de adolescentes sobre “adolescência e saúde sexual”. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa utilizando a técnica de análise de conteúdo. O estudo ocorreu em uma instituição pública de ensino fundamental e médio no interior da Amazônia. Os participantes expressaram de forma anônima dúvidas e medos sobre os seguintes tópicos: transformações da adolescência; métodos contraceptivos; gravidez na adolescência; aborto e infecções sexualmente transmissíveis. Utilizou-se o programa N-vivo para a construção das nuvens de palavras. **Resultados:** Participaram do estudo 60 adolescentes com idade entre 14 e 19 anos, 34 (56,7%) eram do sexo feminino. Destacaram-se como dúvidas e medos: “medo do corpo não se desenvolver de forma normal”; “dúvida sobre a eficácia dos métodos contraceptivos”; “medo de não ter apoio da família no caso de uma gravidez”; “medo de morrer se fizer um aborto”; “medo de pegar uma infecção sexualmente transmissível”. **Conclusão:** Evidencia-se a necessidade de oportunizar espaços de discussão que assegurem a efetiva prática de educação sexual com envolvimento da família e escola, contribuindo para maior compreensão, conscientização e engajamento podendo criar oportunidades para a geração de postura de cuidado frente a saúde sexual de adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência, Educação, Prevenção, Promoção da saúde, Saúde sexual.

ABSTRACT

Objective: To raise adolescents' doubts and fears about “adolescence and sexual health”. **Methods:** This is a descriptive research of a qualitative nature using the content analysis technique. The study took place in a public elementary and secondary education institution in the interior of the Amazon. Participants anonymously expressed doubts and fears about the following topics: adolescent transformations; contraceptive methods; teenage pregnancy; abortion and sexually transmitted infections. Used the N-vivo program to construct word clouds. **Results:** 60 adolescents aged between 14 and 19 years participated in the study, 34 (56.7%) were female. The following stood out as doubts and fears: “fear of the body not developing normally”; “doubts about the effectiveness of contraceptive methods”; “fear of not having family support in the event of pregnancy”; “fear of dying if I have an abortion”; “fear of catching a sexually transmitted infection”. **Conclusion:** There is a need to provide opportunities for discussion that ensure the effective practice of sexual education with family and school involvement, contributing to greater understanding, awareness and engagement and can create opportunities for generation of a caring attitude towards their sexual health of adolescents.

Keywords: Adolescence, Education, Prevention, Health promotion, Sexual health

¹Universidade do Estado do Pará. Santarém - PA.

RESUMEN

Objetivo: Plantear dudas y temores de los adolescentes sobre “la adolescencia y la salud sexual”. **Métodos:** Se trata de una investigación descriptiva de carácter cualitativo utilizando la técnica de análisis de contenido. El estudio se desarrolló en una institución pública de educación primaria y secundaria del interior de la Amazonía. Los participantes de forma anónima expresaron dudas y temores sobre los siguientes temas: transformaciones adolescentes; métodos anticonceptivos; embarazo en la adolescencia; aborto e infecciones de transmisión sexual. Se utilizó el programa N-vivo para construir nubes de palabras. **Resultados:** Participaron del estudio 60 adolescentes con edades entre 14 y 19 años, 34 (56,7%) eran mujeres. Como dudas y temores destacaron: “miedo a que el cuerpo no se desarrolle normalmente”; “dudas sobre la eficacia de los métodos anticonceptivos”; “miedo a no contar con apoyo familiar en caso de embarazo”; “miedo a morir si aborto”; “miedo a contraer una infección de transmisión sexual”. **Conclusión:** Es necesario brindar espacios de discusión que aseguren la práctica efectiva de la educación sexual con el involucramiento de la familia y la escuela, contribuyendo a una mayor comprensión, concientización y compromiso y creando oportunidades para generar una actitud solidaria hacia su salud sexual de los adolescentes.

Palabras clave: Adolescencia, Educación, Prevención, Promoción de la salud, Salud sexual

INTRODUÇÃO

A adolescência corresponde a uma fase singular do ciclo de vida humana, caracterizada pela passagem da infância para a vida adulta, na qual o indivíduo vivencia mudanças físicas, cognitivas e emocionais, sendo um período de afirmação da identidade pessoal e sexual (CAMPOS HM, 2011; FAIAL LCM, et al., 2016; LINS LS, et al., 2017).

Todo esse processo de transformações por que passa o adolescente associado a precocidade da busca sexual, a multiplicidade de parceiros, o conhecimento limitado e a não utilização de preservativos nas relações sexuais, concomitante a uma maior liberdade sexual, são alguns dentre os fatores conhecidos que podem contribuir para o aumento da vulnerabilidade dos adolescentes a situações de risco, como gravidez precoce/não planejada, infecções sexualmente transmissíveis (IST), acidentes, violência de várias formas, maus tratos, uso e dependência de drogas, evasão escolar, dentre outros problemas. Nessa fase o jovem, na busca por sua autonomia, afasta-se da família e aproxima mais de amigos com quem compartilha suas descobertas e medos, procura novas experiências, testa seus limites, questiona seus valores e sonhos (TORQUATO BGS, et al., 2017). Para muitas meninas e meninos, saúde sexual e saúde reprodutiva são assuntos que não aparecem com frequência nas conversas com a família, uma vez que são temas cercados de tabus que dificultam a efetiva comunicação e conhecimento. Por vezes esses temas são mais conversados em rodas de amigos, até como uma forma de brincadeira, não sendo dado a devida importância, fato que não é saudável. Os índices de gravidez, aborto e IST em adolescentes são altos e configuram-se como problemas de saúde pública (BRASIL, 2019). Portanto, a saúde do adolescente é uma pauta necessária em debates, diálogos e investigações no Brasil (NOGUEIRA MJ, et al., 2023).

Atualmente, discutir com alunos no ambiente escolar acerca da sexualidade é uma prática garantida por documentos nacionais e internacionais (SFAIR S, et al., 2015), inclusive pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que estabelecem a orientação sexual como um tema transversal, considerando a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Isso, relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade, e engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Sendo assim, inclui a importância da prevenção das infecções sexualmente transmissíveis e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões, contribuindo para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro (BRASIL, 1998). Estudos revelam que os adolescentes tem conhecimento limitado sobre questões relacionadas à saúde sexual como o risco às infecções sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos, testagem de HIV e aconselhamento sobre sexualidade na escola (PEREIRA LM, et al., 2021; SOUZA AES, et al., 2023). Portanto, levar informações claras no ambiente escolar, junto a construção de conhecimentos, espaços de diálogo com escuta dos sentimentos de dúvidas e medos, e ações de promoção da saúde sexual

e reprodutiva é fundamental, considerando a vulnerabilidade dos adolescentes, o baixo conhecimento que possuem acerca do tema e a ineficiência de políticas públicas direcionadas às demandas dessa população.

O objetivo desse estudo foi realizar o levantamento das dúvidas e medos de adolescentes de uma instituição pública de ensino no interior da Amazônia sobre adolescência e saúde sexual e oportunizar a discussão do tema, permitindo aos jovens esclarecer dúvidas e construir conhecimentos sobre as transformações que ocorrem na adolescência, os métodos contraceptivos, a gravidez na adolescência, o aborto e as infecções sexualmente transmissíveis, contribuindo para atitudes de prevenção.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa utilizando a técnica de análise de conteúdo (BARDIN L, 2011).

A pesquisa ocorreu em uma escola pública da rede estadual de ensino, localizada em um bairro da periferia de Santarém-Pará que atende alunos do ensino fundamental e médio. A escolha da escola se deu em virtude de ser uma escola da zona periférica que enfrenta problemas relacionados ao tema e nem sempre é contemplada com projetos dessa natureza.

Foram incluídos na pesquisa alunos regularmente matriculados na escola e excluídos aqueles que faltaram no período de coleta de dados. A coleta de dados se deu por meio de um questionário auto aplicável, no qual os alunos foram orientados a expressarem de forma anônima, dúvidas e medos sobre o tema “adolescência e saúde sexual” englobando os seguintes tópicos: transformações físicas e psíquicas da adolescência; métodos contraceptivos; gravidez na adolescência; aborto e infecções sexualmente transmissíveis. As respostas ao questionário foram depositadas em caixas identificadas com o tema do projeto que ficaram na escola por uma semana, após este período as caixas foram retiradas.

Os dados coletados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo dividida em três fases: pré análise, com o objetivo de buscar estruturas relevantes através de leitura exaustiva; 2) exploração do material, para identificar no texto núcleos de sentido e organizá-los; e 3) tratamento dos dados, para descobrir o significado da regularidade das informações e analisar, possibilitando realizar interpretações inferenciais, críticas e reflexões (BARDIN L, 2011).

Os dados foram importados para o programa de análise de dados qualitativos de licença livre N-vivo, para a construção das nuvens de palavras, que foram formatadas a partir da verificação de frequência com sinônimos, considerando as palavras mais recorrentes referentes às respostas dos participantes.

Após a coleta dos dados a equipe realizou ação de educação em saúde com atividades lúdicas a fim de oportunizar a discussão e conhecimento sobre o tema, abordando os seguintes tópicos: 1. Puberdade, adolescência e sexualidade; 2. Métodos contraceptivos, gravidez na adolescência e aborto e 3. IST/Aids.

A ação contemplou as turmas do 8º. e 9º. ano do ensino fundamental (1º. momento) e 1º., 2º. e 3º. ano do ensino médio (2º. momento) do turno matutino e ocorreu com as seguintes etapas: 1ª. Etapa - exposição do tema - foi apresentado o tema, mediante técnica de exposição oral utilizando recursos de imagens com data-show; 2ª. Etapa - atividades lúdico-educativas – foi realizada atividade lúdico-educativa com uma caixa com perguntas sobre o tema, passando de mão em mão ao som de uma música animada, quando a música parava o participante que se encontrava com a caixa tirava uma pergunta e caso se sentisse a vontade poderia responder, caso contrário a equipe respondia, permitindo a troca de informações e interação entre os participantes e a equipe; 3ª. Etapa - discussão e dúvidas - os participantes eram provocados a discutir sobre o tema, esclarecendo suas dúvidas; 4ª Etapa - uso das redes sociais – foi abordado sobre o uso das redes sociais como ferramenta de informação e estratégia de aproximação com os adolescentes, esclarecendo sobre as fontes de informações seguras sobre o tema “saúde sexual e adolescência”.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Pará (UEPA) – Campus XII-Tapajós, sob o parecer número 5.773.888, CAAE: 65219322.5.0000.5168.

RESULTADOS

Responderam ao questionário 60 estudantes com idade entre 14 e 19 anos, 34 (56,7%) eram do sexo feminino, 26 (43,3%) eram do sexo masculino, 3 (5%) eram das séries finais do ensino fundamental e 57 (95%) eram do ensino médio. Na análise das dúvidas e medos pertinentes às transformações que se sucedem no decorrer da adolescência, observou-se que as palavras que se repetiam com maior frequência nas respostas dos adolescentes, foram: “corpo”, “transformações” e “relacionamento”, “mudanças” destacados na nuvem de palavras na **Figura 1**.

Figura 1 – Nuvem de palavras representando dúvidas e medos sobre as transformações da adolescência



Fonte: Souza AES, et al., 2024.

Adicionalmente, a pesquisa abrangeu questões relacionada aos métodos contraceptivos, incluindo o uso do preservativo, entre outros. A partir da análise das respostas dos participantes, foi possível constatar a ênfase em palavras, como “camisinha”, “anticoncepcional” e “contraceptivos”. Além destes, emergiram outros termos relevantes, como por exemplo “ineficaz”, “prevenir” e “funciona”. Esses e outros termos ressaltados pelos adolescentes podem ser observados a seguir (**Figura 2**).

Figura 2 – Nuvem de palavras relativa aos medos e dúvidas sobre os métodos contraceptivos



Fonte: Souza AES, et al., 2024.

No que se refere aos medos e dúvidas voltados para os métodos contraceptivos, foram levantadas pelos participantes questões relativas ao modo de ação, bem como as consequências do uso dos contraceptivos. Ademais, foi possível verificar outra questão muito evidente, como a preocupação com a eficácia desses métodos, de acordo com os depoimentos destacados a seguir:

“Qual desses métodos contraceptivos é o mais seguro? Será que eles realmente fornecem proteção?” (Participante 48); *“...medo de que esses métodos contraceptivos não funcionem”* (Participante 24).

Quanta a gravidez na adolescência, as principais dúvidas que surgiram foram em relação aos riscos e como evitar a gravidez, podendo ser exemplificado em:

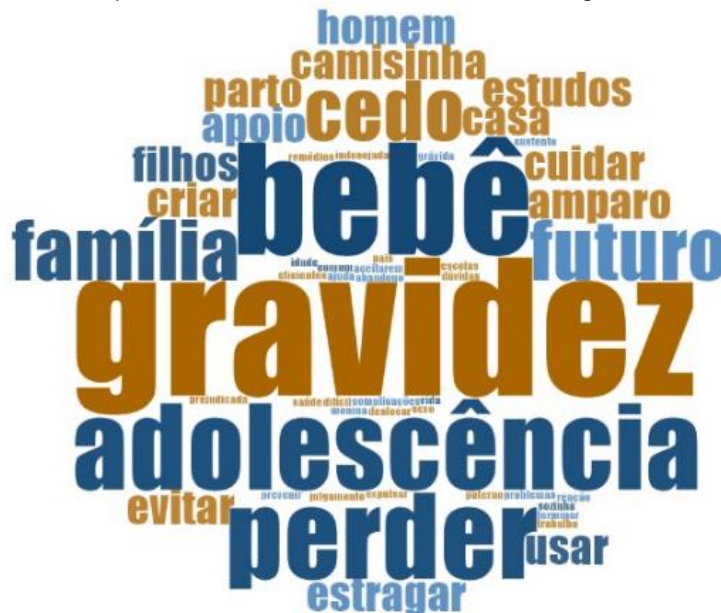
“Quais os métodos mais eficientes para prevenir a gravidez na adolescência?” (Participante 43); *“Quais os riscos de perder o bebê e complicações no parto?”* (Participante 11).

Foi perguntado sobre seus medos em relação a gravidez, e os participantes relataram em sua maioria “ter medo de julgamento”, “falta de apoio”, “de ser expulso de casa”, “de não ter como criar a criança” e “da reação dos pais em relação a gravidez” como percebemos em:

“...medo de não saber como agir e não conseguir criar um filho” (Participante 24); *“...medo de não ter apoio da família, abandono paterno e ter que criar o bebê sozinha”* (Participante 44).

Observou-se também que as palavras que apareceram com maior frequência foram “gravidez”, “adolescência”, entre outras exemplificadas na nuvem de palavras da **Figura 3**.

Figura 3 - Nuvem de palavras sobre dúvidas e medos sobre gravidez na adolescência



Fonte: Souza AES, et al., 2024.

Quanto ao aborto, as dúvidas frequentemente citadas podem ser exemplificadas nos trechos a seguir:

“... não entendo como funciona o aborto e quais são os seus malefícios” (Participante 02); *“Quais as consequências do aborto para a mulher?”* (Participante 34).

No que se refere aos principais medos dos adolescentes pertinentes ao aborto, surgiram principalmente o receio de não o realizar corretamente e dessa maneira, a mulher acabar sofrendo consequências como por exemplo, a morte, conforme os depoimentos a seguir:

“...medo de não conseguir realizar um aborto corretamente, pois requer bastante atenção” (Participante 43); “...medo de abortar a criança e acabar morrendo junto” (Participante 47); “...medo de morrer” (Participante 58); “...medo de sofrer as consequências do aborto” (Participante 61).

Dessa forma, os termos “medo” e aborto” apareceram com maior frequência, além de outras palavras como “morte”, “feto”, “mulher”, “saúde” ilustradas na imagem a seguir (**Figura 4**).

Figura 4 - Nuvem de palavras representando dúvidas e medos sobre aborto.



Fonte: Souza AES, et al., 2024.

Os participantes também puderam expor suas dúvidas e medos relacionados às infecções sexualmente transmissíveis, e as palavras que apareceram com maior frequência podem ser observadas na **Figura 5**.

Figura 5 - Nuvem de palavras representando as dúvidas e os medos sobre infecções sexualmente transmissíveis



Fonte: Souza AES, et al., 2024.

DISCUSSÃO

Quanto às dúvidas e medos relacionados às transformações da adolescência, os participantes relataram o medo de que o seu corpo não se desenvolvesse de forma adequada ou “normal”. Essa preocupação reflete o impacto que as mudanças físicas têm sobre a vida dos jovens adolescentes. Nessa perspectiva, estudos evidenciam que os jovens percebem as mudanças que acontecem nesse período de transição para a vida adulta, muitas vezes como aterrorizantes, em virtude da falta de informações. Isso favorece interpretações muitas vezes errôneas, e que conduz a vivência de experiências equivocadas e conflituosas (FILIPINI CB, et al., 2013). A fase da adolescência é um período marcado por mudanças físicas, comportamentais, cognitivas e emocionais, sinalizado por uma fase de considerável pressão social, esse fato pode influenciar na trajetória de desenvolvimento da personalidade e desempenho escolar. Isso ocorre pois os jovens podem ter limitações como: dificuldade de adaptação na sociedade, dificuldade nos relacionamentos interpessoais e comportamentos antissociais (FRANÇA EO, et al., 2022).

Além disso, vale destacar que o período da adolescência é também caracterizado pelo aumento da vulnerabilidade às IST e gravidez indesejada, e vários fatores contribuem, como, por exemplo, a baixa escolaridade, condições socioeconômicas desfavoráveis, início sexual precoce, inacessibilidade aos métodos contraceptivos, políticas públicas fragilizadas, diferença de gênero, múltiplos parceiros sexuais e a falta de acesso às informações sobre o assunto. Em estudo de revisão sobre os fatores associados a comportamentos sexuais de risco, foi evidenciado que o uso de álcool e outras drogas elevam o número de relações sexuais desprotegidas. Tendo em vista todas as vulnerabilidades, essas questões são preocupantes, com a necessidade de discussão desses fatores para planejar possíveis intervenções (GARCIA EC, et al., 2022).

Em relação aos métodos contraceptivos, foi possível verificar a preocupação dos participantes quanto à eficácia dos contraceptivos, como a apreensão relativa ao método escolhido não funcionar. Esse resultado corrobora com uma pesquisa ocorrida em uma escola em São José – SC, em que foi observado a insegurança dos jovens juntamente com a escassez de informações relativo ao melhor e mais seguro método para ser usado nas relações sexuais (KEMPFER SS, et al., 2012).

Esse receio está muitas vezes ligado às experiências negativas que contribuem para perpetuar o medo desses adolescentes, como por exemplo, casos de gravidez na família ou entre amigos que ocorreram mesmo com o uso dos contraceptivos (SILVA MJ, et al., 2019). Assim, por mais que os jovens apresentem um conhecimento sobre os métodos contraceptivos, principalmente em relação aos mais comuns, tais como o preservativo masculino e a pílula anticoncepcional, a eficácia dos métodos está intrinsecamente entrelaçada ao conhecimento das técnicas corretas de uso e a disciplina por parte do usuário em utilizar o método em toda relação sexual (VEIRA KJ, et al., 2021)

Evidenciou-se que o medo de gravidez na adolescência está presente principalmente entre as meninas. Isso pode decorrer, pois quando uma adolescente engravida precocemente e inesperadamente, pode ter uma sobrecarga psíquica, emocional e social que prejudica seu desenvolvimento, tendo em vista que a condição irá alterar seu plano de vida, podendo gerar a perpetuação do ciclo da pobreza, ineficácia educacional e impedir as buscas por melhores condições de vida (DA SILVA DLV, et al., 2022). Nesse tocante, a adolescente passa a ter um misto de sensações e sentimentos, pois ela não consegue prever a reação dos pais, familiares e do pai da criança, o que a deixa com vergonha, arrependimento, medo e insegurança. Tais sentimentos negativos, ocorrem porque além da mudança, ela terá incerteza quando se trata de apoio emocional e financeiro (RODRIGUES LS, et al., 2019). Além disso, tem a existência de um risco maior de agravos durante a gestação, como por exemplo: anemia materna, doença hipertensiva específica da gravidez, desproporção céfalo-pélvica, infecção urinária, prematuridade, placenta prévia, sofrimento fetal agudo intra-parto, complicações no parto e no puerpério (CABRAL ALB, et al., 2020). Quando se trata da temática aborto, os resultados demonstram que os adolescentes apresentam inúmeros questionamentos em relação a sua realização e quais consequências ele pode ocasionar na vida de uma mulher. Dessa maneira, é enfatizado o baixo nível de informações desse público frente a um tema de extrema relevância social, expondo-os a vulnerabilidades, visto que não apresentam instruções adequadas para lidar com o assunto (VICENTE CD, et al., 2020).

Nesse sentido, destaca-se um crescente aumento no que diz respeito ao número dos casos de abortos cometidos na sociedade nos últimos anos, revelando o aborto inseguro como responsável por uma gama de mortes e um dos principais problemas de saúde pública (CARDOSO BB, et al., 2020). A Organização Mundial de Saúde (OMS) caracteriza o aborto inseguro como um procedimento que está associado ao término da gestação, geralmente sendo realizado por pessoas sem habilidades suficientes ou em ambientes ineficazes para ofertar os procedimentos médicos adequados para sua prática (WHO, 2022). Assim, mesmo com os diversos avanços no ramo da ciência que contribuíram para práticas mais seguras, o aborto inseguro ainda representa um ato recorrente, acarretando não só o aumento de custos para o sistema de saúde, como também complicações e mortes maternas (CARDOSO BB, et al., 2020).

Em relação às infecções sexualmente transmissíveis, o medo de ser acometido é uma preocupação constante para os adolescentes. Esse medo pode ser devido a percepção de que algumas dessas infecções não tem cura e podem trazer diversas consequências para a vida da pessoa infectada. Tal medo pode ser justificado pelo conhecimento limitado sobre o tema (SOUZA AES, et al., 2023). Boa parte desse público não sabe nomear as IST, exceto HIV/AIDS que é amplamente divulgada nos meios de comunicação (SPINDOLA T, 2021). Além disso, a contaminação com uma IST pode ser advinda da prática sexual precoce e desorientada estando associada aos comportamentos característicos dessa etapa da vida em que o adolescente busca uma nova identidade, tem curiosidade, vai em busca da descoberta do novo, tem sentimentos de prazer e onipotência com pouco conhecimento e sem a consciência do risco (COSTA MIF, et al., 2019).

Portanto, faz-se necessário e urgente compartilhar conhecimentos e informações sobre saúde sexual com os adolescentes, uma vez que, o conhecimento caracteriza-se como um meio adequado para proteção contra os riscos que a adolescência traz consigo, e nesse contexto a escola configura-se como um dos espaços para a realização de intervenções educativas. Família e escola devem ser parceiras para preparar os adolescentes a lidar com as vulnerabilidades dessa fase. A utilização de estratégias com metodologias ativas em saúde, no âmbito educacional, pode contribuir com o autoconhecimento dos adolescentes e intensificar a capacidade dos mesmos, estimulando a inteligência, sensibilidade e compreensão a fim de torná-los aptos a lidar com diversos problemas, como, por exemplo os que estão relacionados ao contexto da sexualidade.

Profissionais de saúde também podem ser parceiros da escola em ações de educação em saúde com viés educativo e preventivo ajudando a escola a tratar e discutir a saúde sexual e a sexualidade de forma responsável e segura. Outro importante aliado nesse processo é o uso de tecnologias para educação em saúde, uma vez que, estão cada vez mais presentes no cotidiano dos adolescentes e já vêm sendo utilizadas no âmbito educacional, configurando-se como uma ferramenta útil e um método eficaz e potencializador para promoção da saúde, capaz de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem em saúde e desenvolvimento da autonomia (PEREIRA LM, et al., 2021; DOURADO JVL, et al., 2021; CAVALCANTE RB, et al., 2017).

CONCLUSÃO

Muitas foram as dúvidas e medos dos adolescentes sobre os temas relacionados à adolescência e saúde sexual. Destacando-se: “medo do corpo não se desenvolver de forma normal”; “dúvida sobre a eficácia dos métodos contraceptivos”; “medo de não ter apoio da família no caso de uma gravidez”; “medo de morrer se fizer um aborto”; “medo de pegar uma infecção sexualmente transmissível”. Evidencia-se, a necessidade de oportunizar espaços de discussão que assegurem a efetiva prática de educação sexual com envolvimento da família e escola, buscando parcerias com profissionais de saúde e ferramentas como as metodologias ativas e o uso de tecnologias para educação em saúde, cooperando com a promoção da saúde e o desenvolvimento da autonomia. A realização da pesquisa com a etapa de ação de educação em saúde com atividades lúdicas oportunizou aos adolescentes esclarecer dúvidas e construir conhecimentos sobre as transformações que ocorrem na adolescência, métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, aborto e infecções sexualmente transmissíveis, contribuindo para maior compreensão, conscientização e engajamento podendo criar oportunidades para a geração de postura de cuidado frente a sua saúde sexual.

REFERÊNCIAS

1. BARDIN L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011; 229p.
2. BRASIL. Boletim Epidemiológico de HIV e Aids. 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019>. Acessado em: 10 de agosto de 2023.
3. BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acessado em 23 de maio de 2022.
4. CABRAL ALB, et al. A gravidez na adolescência e seus riscos associados: revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, 2020; 3(6): 19647-19650.
5. CAMPOS HM. O sujeito adolescente e o cuidado de si: cenários, significados e sentidos da iniciação sexual e do cuidado com a saúde sexual e reprodutiva. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Centro de Pesquisas René Rachou. Fundação Oswaldo Cruz, Belo Horizonte, 2011; 329p.
6. CARDOSO BB, et al. Aborto no Brasil: o que dizem os dados oficiais? *Cadernos de Saúde Pública*, 2020; 36(1): e00188718.
7. CAVALCANTE RB, et al. Inclusão digital e uso de tecnologias de informação: a saúde do adolescente em foco. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 2017; 22(4): 03-21.
8. COSTA MIF, et al. Determinantes sociais de saúde e vulnerabilidades às infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2019; 72: 1595-1601.
9. DA SILVA DLV, et al. Gravidez na adolescência: complexidade nos campos sociais e da saúde. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, 2022; 3(2): 1-7.
10. DOURADO JVL, et al. Tecnologias para a educação em saúde com adolescentes: revisão integrativa. *Avances en Enfermería*, 2021; 39 (2): 235-254.
11. FAIAL LCM, et al. A escola como campo de promoção à saúde na adolescência: revisão literária. *Revista PróUniver SUS*, 2016; 7(2): 22-29.
12. FRANÇA EO, et al. Fatores de risco para depressão na adolescência: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria*, 2022; 26(1).
13. FILIPINI CB, et al. Transformações físicas e psíquicas: um olhar do adolescente. *Adolescência e Saúde*, 2013; 10(1): 22-29.
14. GARCIA EC, et al. Representações sociais de adolescentes sobre a transmissão do HIV/AIDS nas relações sexuais: vulnerabilidades e riscos. *Escola Anna Nery*, 2022; 26: e20210083
15. KEMPFER SS, et al. Contracepção na adolescência: uma questão de autocuidado. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)*, 2012; 4(3): 2702-2711.
16. LINS LS, et al. Análise do comportamento sexual de adolescentes. *Rev Bras Promoç Saúde*, 2017; 30(1): 47-56.
17. NOGUEIRA, MJ, et al. Escolas e unidades básicas de saúde: diálogos possíveis e necessários para a promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. *Saúde em Debate*, 2023; 36: 117-124.
18. PEREIRA LM, et al. Tecnologias Educacionais para Promoção da Saúde de Adolescentes: Evidências da Literatura. *Rev Enferm UFPE online*, 2021; 15:247457.
19. RODRIGUES LS, et al. Gravidez na adolescência: suas implicações na adolescência, na família e na escola. *Revista Educação e Emancipação*, 2019; 12(2).
20. SILVA MJP, et al. Gravidez na adolescência: uso de métodos anticoncepcionais e suas discontinuidades. *REME – Revista Mineira de Enfermagem*, 2019; 23: e-1220.
21. SFAIR S, et al. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. *Revista Saúde e Sociedade*, 2015; 24(2): 624-632.
22. SOUZA AES, et al. Conhecimento de estudantes sobre infecções sexualmente transmissíveis. *Brazilian Journal of Health Review*, 2023; 6(2): 6223-6237.
23. SPINDOLA T, et al. A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: diferenças segundo o gênero. *Ciência & Saúde Coletiva [online]*, 2021; 26(7).
24. TORQUATO BGS, et al. O saber sexual na adolescência. *Rev. Ciênc. Ext*, 2017; 13(3): 54-63
25. VICENTE CD, et al. Adolescentes em situação de abortamento: perfil sociodemográfico e obstétrico. *Brazilian Journal of Development*, 2020; 6(7): 50929-50937.
26. VIERA KJ, et al. Conhecimento de adolescentes sobre métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis. *Revista Baiana de Enfermagem*, 2021; 35: e39015.
27. WHO – World Health Organization. Abortion care guideline: executive summary. Genebra: World Health Organization; 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240039483>. Acessado em 10 de Agosto de 2023.